

COMO MOTIVAR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA PRÁTICAS DE LEITURA

Célia Regina da Silva¹, Raquel Maria Primo e Silva², Teresinha de Fátima Nogueira³

¹ UNIVAP/ Faculdade de Educação. Licenciatura Plena em Letras, Estrada do Limoeiro, 250, Jardim Dora – Jacareí /SP. Email: princess.celiaregina@itelefonica.com.br

² UNIVAP/ Faculdade de Educação. Licenciatura Plena em Letras, Estrada do Limoeiro, 250, Jardim Dora – Jacareí /SP. Email: raquel-primo@ig.com.br

³UNIVAP/Faculdade de Educação/Letras. Av Shishima Hifumi, 2911, Urbanova, São José dos Campos /SP. Email: terenog@univap.br

Resumo: Esse trabalho é parte de uma pesquisa que está em andamento e que visa estudar algumas concepções de leitura, a partir de estudos teóricos da área, como Kato (1985, apud CORACINI, 1995), que apresenta a visão interacionista com a interação autor-texto-leitor e Coracini (1995), que mostra a concepção discursiva que enfoca a exterioridade como elemento constitutivo da produção de sentidos. Pretendemos também verificar como está sendo desenvolvido o trabalho com a leitura no ensino fundamental e se esse tem proporcionado aos alunos a possibilidade de se tornar um leitor proficiente. Neste sentido, utilizamos uma pesquisa de campo através da aplicação de um questionário para alunos do ensino fundamental para coletar dados a respeito de sua concepção de leitura. Esse material não será discutido neste artigo porque ainda está em fase de análise, tabulação e categorização.

Palavras-chaves: Motivação, leitura, interacionista, discursiva, aluno.

Área do conhecimento: Lingüística, Letras e Artes.

Introdução

“A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma” (...) (CAGLIARI, 1991:148).

Uma das possibilidades do indivíduo desenvolver a capacidade de agir no seu dia-a-dia em meio a uma sociedade letrada é por meio da leitura. Assim, a leitura é uma das responsáveis pelo desenvolvimento de um cidadão crítico; sendo um leitor competente terá desenvolvido habilidades importantes para interagir melhor na sociedade.

Nosso objetivo neste artigo é refletir sobre como a leitura está sendo trabalhada no contexto escolar e discutir a partir de alguns autores as práticas de leitura que podem ser desenvolvidas para motivar e formar um leitor competente.

O interesse do aluno em atividades leitoras pode ser também decorrente do envolvimento do professor e de sua postura diante do seu próprio processo leitor. De acordo com Kleiman (2004:15) *“para formar leitores devemos ter paixão pela leitura”*. Neste sentido, o que se tem discutido é que a leitura deve ser prazerosa e fazer sentido para os estudantes, senão pode ser uma tarefa muito difícil e desmotivadora. Assim como Kleiman, nós também acreditamos na formação teórico-prática do professor na área de leitura como uma possibilidade diferencial para um fazer pedagógico que forma alunos-leitores.

Materiais e Métodos

Nesse trabalho utilizamos o referencial teórico de Kato e Coracini para discutirmos a questão da leitura que é abrangente.

Kato (1985, apud CORACINI, 1995) considera a leitura como processo de interação texto e leitor ou, numa vertente mais recente, autor-texto-leitor e Coracini (1995:15) *“considera o ato de ler como processo discursivo no qual se inserem os sujeitos produtores de sentido - autor e leitor - ambos sócio-historicamente determinados e ideologicamente constituídos”*.

Utilizamos também de uma pesquisa de campo através da aplicação de um questionário para alunos do ensino fundamental para coletar dados a respeito de sua concepção de leitura. Esse material não será discutido neste artigo porque ainda está em fase de análise, tabulação e categorização.

Resultados

Estamos em processo de pesquisa, reflexão teórica sobre as concepções de leitura e as práticas em sala de aula.

Para Kato há uma interação entre o autor ao escrever o texto e o leitor ao ler esse texto, sendo que de certa forma o leitor já está esboçado na estrutura do texto, pois há uma relação de

interação entre o que o autor escreve e o que o leitor espera ou deseja ler.

Para Coracini (1995) ler é um processo de interação com a obra, porém não somente, pois as interpretações são determinadas pelo social, pelo histórico e pela ideologia tanto do autor como do leitor.

Para a lingüista a leitura é um processo discursivo. Quando um indivíduo faz uma leitura esta pode ser diferente de acordo com questões históricas, sociais e ideológicas que o constituem, então o sentido está sempre mudando, ou seja, ele pode produzir novos sentidos a partir das novas circunstâncias que está vivendo e lendo.

Nenhuma pessoa lê determinado texto da mesma maneira, pode haver pontos em comum ou divergente da mesma leitura, porém cada um de nós faz uma interpretação e essa irá depender da posição que ocupamos na sociedade, de nossa vida, de nossas crenças particulares, de nossa cultura.

Então sempre haverá o que se descobrir e aprender com o texto e a cada leitura teremos outro olhar e faremos sempre novas relações semânticas, de maneira que o texto é uma fonte que não se esgota e dialoga tanto com o leitor como com o próprio autor.

Nesta visão, segundo Grigoletto (1995), o texto é concebido na sua dimensão discursiva de significação sendo que não tem sentido fora das suas condições de produção e *“não como um conjunto de palavras, algumas conhecidas, outras desconhecidas que no ato da leitura, vão sendo justapostas pelo leitor em uma somatória que resultaria na recuperação do sentido do texto”*. (GRIGOLETTO, 1995:86)

Assim em uma leitura linear podemos ficar apenas na superfície do texto e deixar de pensar o que está nas entrelinhas, mas tal procedimento leitor é simplista e limitado e faz com que o leitor pouco se envolva com o processo de criação e produção de sentidos. E são esses sentidos, ou melhor, estas relações de significado mais profundas, que o fazem ter uma leitura que pode ser diferente da leitura do outro.

Discussão

Numa visão discursiva da leitura o professor deve valorizar a interpretação do aluno como uma das possíveis, ao contrário do livro didático, por exemplo, que tende a fazer com que o aluno tenha apenas uma visão. Assim o aluno não se aprofunda no texto, ficando somente numa relação mais superficial com as palavras não chegando a desvendar outros sentidos escondidos por trás das palavras.

Para nós é importante trabalhar a visão discursiva da leitura na sala de aula, pois esta leva em conta o que o aluno-leitor, assim como o autor,

pensa, o que ele sabe sobre determinado assunto, o seu conhecimento de mundo, não ficando preso a uma única resposta que na maior parte das vezes é a do livro didático, modelo de leitura e de leitor este que já foi mostrado por vários pesquisadores entre eles Coracini (1995:19) que assim se pronunciou: *“muitas vezes, aprender a ler equivale a descobrir o significado das palavras do texto, a pronunciar corretamente, a localizar o momento (ou idéias) principais do texto ali depositados de forma definitiva pela vontade consciente do autor.”*

Queremos deixar claro que a leitura e sua visão discursiva é uma teoria que leva em consideração os efeitos causados nos alunos durante uma leitura, porém não se trata de afirmar que esta seja a única maneira de se trabalhar significativamente com a leitura, pois até mesmo um trabalho com outras teorias que não a discursiva pode atingir bons resultados. O resultado positivo de leitura (s) está atrelado, principalmente, à prática pedagógica do professor, que deve estar embasada em princípios conceituais claros, sistematizados e consistentes.

É importante também que o material de leitura que é trabalhado no contexto escolar seja significativo e próximo da realidade do aluno, pois se a leitura escolhida não for condizente com a realidade do aluno, ele pode ficar desmotivado, e o ato de ler torna-se uma prática distanciada e sem sentido em suas atividades educacionais.

O exemplo que se segue evidencia tal comportamento metodológico:

“Na aula observada do curso supletivo de alfabetização para adultos, a professora selecionara para leitura um texto que descrevia a utilidade de uma bula, bem como uma bula propriamente dita para exemplificar. Para a professora, a descrição das precauções representava um conjunto de informações da natureza vital, pois corria-se o risco, segundo ela, de “o doente piorar ou até morrer se o medicamento estivesse vencido, se a dosagem certa não fosse respeitada, se atenção não fosse prestada aos possíveis efeitos colaterais”. A professora estava fazendo a leitura prevista pelo autor do texto sobre a bula, que supõe, para tornar o texto inteligível, uma série de acordos subentendidos quanto ao tipo de audiência a quem está dirigindo. O escritor da bula pressupõe um leitor que vai ao médico, compra remédios na farmácia e aceita o saber médico como um saber autorizado para a cura de doenças. Durante a aula transpareceu, entretanto, que os alunos tinham mais fé nos benzedores e nos remédios tradicionais do que na farmacêutica, que tinham profunda desconfiança na classe médica e que consideravam a doença como uma fatalidade e, portanto, não sujeita à análise e ao conhecimento”. (KLEIMAN, 2004:10-11)

Então o professor tem que pensar bem o tipo de texto que propõe para os alunos, pois dependendo da escolha, pode não ser relevante para os estudantes.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) "*começar com a leitura apreciada pelos alunos para depois partir para textos com mais complexidade*". (BRASIL, 2001:159)

Portanto, o professor não deve simplesmente trabalhar uma obra literária que exige um conhecimento maior de mundo para um aluno que ainda está se iniciando no universo da leitura.

Para formar bons leitores as práticas e o contexto de leitura devem ser favoráveis, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) nos mostra:

- biblioteca ativa na escola ;
- momentos para a leitura, e que o professor seja também leitor;
- dar à leitura a mesma importância das demais atividades;
- possibilitar aos alunos a escolha das suas leituras;
- não fazer perguntas durante a leitura;
- possibilitar aos alunos empréstimos de livros na escola;
- construir na escola uma política de formação de leitores;
- leitura diária;
- leitura colaborativa;
- atividade seqüenciada de leitura;
- atividade permanente;
- leitura feita pelo professor;
- projetos.

Tendo uma prática pedagógica que leve em consideração a perspectiva discursiva e interacional da leitura, como já citado anteriormente, é possível que seja mais eficiente o trabalho do professor com a leitura na sala de aula e este consiga obter melhores resultados com os alunos.

Faz-se necessário que os alunos sejam conduzidos a refletir sobre o que a leitura é capaz de promover e proporcionar a eles não somente no sentido do conhecimento ou promoção social, mas buscar na leitura a necessidade de saciar e responder questionamentos que permeiam seu cotidiano social.

Conclusão

Se por um lado os modelos de leitura que concebem o ato de ler como decodificação, priorizando um sentido apenas, aquele que geralmente é determinado pelo leitor mais proficiente em sala de aula, o professor, não têm contribuído para tornar o aluno crítico, por outro lado, os modelos de leitura interacionista e discursivo criam condições para que os sentidos

dos alunos também sejam respeitados e legitimados.

Portanto partindo das concepções interacionista e discursiva o professor tem condições de propor aos alunos uma reflexão sobre os diversos sentidos que podem ser atribuídos ao texto. Dessa maneira o professor instrumentaliza o aluno para que ele possa estabelecer relações semânticas que são causadas pelas condições de produção desta leitura.

Referências:

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, V.2, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, V.3. 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & Lingüística*. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

CORACINI, Maria José. *O Jogo Discursivo na Aula de Leitura Língua materna e língua estrangeira*. Editora Pontes, 1995.

GRIGOLETTO, Marisa. A Concepção de Texto e de Leitura do Aluno de 1º. E 2º. Graus e o Desenvolvimento da Consciência Crítica. In: CORACINI, Maria José. *O Jogo Discursivo na Aula de Leitura Língua materna e língua estrangeira*. Editora Pontes, 1995.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de Leitura Teoria & Prática*. Campinas: Editora Pontes, 2004.